



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Cecconello Marques, Alessandra; Koller, Sílvia Helena
Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em
situação de risco
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 16, núm. 3, 2003, pp. 515-524
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18816310>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Inserção Ecológica na Comunidade: Uma Proposta Metodológica para o Estudo de Famílias em Situação de Risco

Alessandra Marques Cecconello

Sílvia Helena Koller^{1 2 3 4}

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Este artigo visa a descrever uma metodologia para pesquisas com famílias em ambiente natural: a metodologia está fundamentada na Teoria dos Sistemas Ecológicos, que propõe o estudo do desenvolvimento de um modelo científico envolvendo a interação de quatro núcleos: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo, denominado modelo bioecológico. De acordo com esta teoria, o modelo bioecológico se constitui em um referencial teórico apropriado para a realização de pesquisas sobre o desenvolvimento-no-contexto. Este artigo descreve a operacionalização do modelo em uma pesquisa qualitativa sobre resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco. O estudo envolveu o acompanhamento longitudinal de três famílias pobres, que vivem em uma comunidade violenta, com observações, conversas informais e entrevistas. A operacionalização do modelo bioecológico nesta pesquisa proporcionou um estudo com validade ecológica, pois permitiu incluir vários níveis de análise.

Palavras-chave: Inserção ecológica; metodologia; resiliência; família; risco.

Ecological Insertion in Community: A Methodological Proposal for Study with Families under Risk

Abstract

The aim of this paper is to describe a methodology for research with families in natural environment: Ecological Systems Theory, that proposes that development must be studied through the interaction of four nucleus: process, person, context and time, denominated bioecological theory, the bioecological model become an appropriate theoretical-methodological approach for research about development in context. This paper describes an operationalization of this model in a qualitative research about resilience and vulnerability in families under risk situation. The ecological insertion involved the study accompaniment of three poor families in a violent community and included observations, informal chats and interviews. The operationalization of the model in this research promoted the accomplishment of a study with ecological validity, apart from allowing to include several levels of analysis.

Keywords: Ecological insertion; methodology; resilience; family; risk.

Estudos brasileiros sobre famílias têm sido realizados em diferentes referenciais teóricos através de várias metodologias (De Antoni, 2002; Falceto, 1997; Wagner, Ferreira & Rodrigues, 1998; Wagner, Halpern & Bornholdt, 1999; Wagner, Ribeiro, Arteché & Bornholdt, 1999). No entanto, recentemente, algumas pesquisas com famílias em situação de risco têm buscado a compreensão da família em contexto, a partir da Teoria dos Sistemas Ecológicos (Bronfenbrenner, 1979/1996), a qual propõe o estudo do desenvolvimento humano a partir da interação de quatro núcleos: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo, denominado modelo bioecológico. De acordo com esta teoria, o modelo bioecológico se constitui em um referencial teórico apropriado para a realização de pesquisas sobre o desenvolvimento-no-contexto. Este artigo descreve a operacionalização do modelo em uma pesquisa qualitativa sobre resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco. O estudo envolveu o acompanhamento longitudinal de três famílias pobres, que vivem em uma comunidade violenta, com observações, conversas informais e entrevistas. A operacionalização do modelo bioecológico nesta pesquisa proporcionou um estudo com validade ecológica, pois permitiu incluir vários níveis de análise.

Medeiros, Hoppe & Koller, 1999; Alves, 1998; Szymansky, 1992; permite a compreensão do fenômeno a partir de uma visão contextualizada do mesmo. A Teoria dos Sistemas Ecológicos (Bronfenbrenner (1979/1996), a qual propõe o estudo do desenvolvimento humano a partir da interação de quatro núcleos: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo, denominado modelo bioecológico. De acordo com esta teoria, o modelo bioecológico se constitui em um referencial teórico apropriado para a realização de pesquisas sobre o desenvolvimento-no-contexto. Este artigo descreve a operacionalização do modelo em uma pesquisa qualitativa sobre resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco. O estudo envolveu o acompanhamento longitudinal de três famílias pobres, que vivem em uma comunidade violenta, com observações, conversas informais e entrevistas. A operacionalização do modelo bioecológico nesta pesquisa proporcionou um estudo com validade ecológica, pois permitiu incluir vários níveis de análise.

1998). No entanto, a literatura brasileira em psicologia carece de um estudo que descreva detalhadamente uma proposta metodológica para que estes estudos apresentem rigor científico e garantam sua validade ecológica. Atendendo a estes objetivos, este artigo visa a descrever uma metodologia para pesquisas com famílias em situação de risco em ambiente natural: a Inserção Ecológica. Esta metodologia foi utilizada em uma pesquisa qualitativa sobre resiliência e vulnerabilidade em famílias que vivem em condições adversas (Cecconello, 2003), e está fundamentada na Teoria dos Sistemas Ecológicos (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner & Morris, 1998).

A Teoria dos Sistemas Ecológicos tem, na figura de Urie Bronfenbrenner, seu principal autor, um pesquisador ainda atuante no campo da Psicologia do Desenvolvimento. Há quatro décadas Bronfenbrenner vem trabalhando em um modelo científico apropriado para estudar o desenvolvimento, fato que contribui para que esta teoria esteja em constante evolução (Bronfenbrenner, 1999). Duas fases distintas são destacadas pelo autor durante esta jornada: a primeira, que culmina com a publicação do livro *Ecology of Human Development* em 1979, traduzido e publicado no Brasil em 1996 (Bronfenbrenner, 1979/1996), no qual Bronfenbrenner descreve o modelo ecológico, e a segunda, composta por uma série de trabalhos que desenvolvem criticamente o modelo original (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner & Morris, 1998). A principal crítica de Bronfenbrenner com relação ao modelo original é que este atribuía uma ênfase muito grande ao papel do ambiente durante o desenvolvimento, conferindo menor atenção aos processos individuais. Atualmente, o autor vem reformulando o modelo original, atribuindo ao processo uma posição central, de maior destaque. Assim, nesta nova versão, as diferentes formas de interação das pessoas não são mais tratadas simplesmente como uma função do ambiente, mas como uma função do processo, que é definido em termos

desenvolvimento, que é visto através da interação recíproca progressivamente mais ampla entre o ser humano ativo, biopsicologicamente determinado, e as pessoas, objetos e símbolos presentes no ambiente imediato (Bronfenbrenner & Ceci, 1994). As interações no ambiente imediato são denominadas processos bioecológicos, como processos proximais.

Bronfenbrenner (1999) sublinha a importância da simultânea de cinco aspectos na sua definição de processo proximal: 1) Para que o desenvolvimento ocorra, a pessoa deve estar engajada em uma atividade significativa; 2) Para que a interação seja efetiva, a interação deve acontecer em uma situação regular, através de períodos estendidos de tempo; 3) As atividades devem ser desafiadoras e não apenas ocasionais; 4) Para que os processos proximais sejam eficazes, deve haver reciprocidade nas relações interpessoais. Finalmente, para que a interação recíproca seja efetiva, a pessoa deve estar atenta aos símbolos presentes no ambiente imediato, ou seja, deve prestar atenção, exploração, manipulação e imaginação.

De acordo com Bronfenbrenner e Ceci (1994), a força, o conteúdo e a direção dos processos proximais que produzem o desenvolvimento, variam de acordo com a natureza do ambiente (tanto imediato quanto remoto) onde eles ocorrem, da natureza dos processos evolutivos, das mudanças e continuidades que ocorrem ao longo do tempo durante o processo de desenvolvimento que a pessoa viveu.

Com relação à natureza dos resultados do desenvolvimento, Bronfenbrenner e Morris (1998) afirmam que os processos proximais podem produzir dois tipos de resultados: competência, que se refere à aquisição e ao uso de conhecimentos, habilidades e capacidades para planejar e direcionar seu próprio comportamento a longo prazo, e domínios evolutivos, tanto isoladamente quanto em interação com os processos proximais.

será maior em ambientes mais favoráveis ou estáveis, já que nestes ambientes as manifestações de competência ocorrem com mais frequência e intensidade (Bronfenbrenner, 1999).

O potencial genético para a predisposição a manifestações de competência e/ou disfunção ao longo do ciclo de vida é destacado por Bronfenbrenner e Ceci (1994) como tendo uma forte influência sobre o desenvolvimento. Estes autores consideram a herança como um elemento chave do modelo bioecológico, no qual os processos proximais são vistos como os mecanismos através dos quais o genótipo se transforma em fenótipo. Os autores postulam que os processos proximais adquirem conteúdo psicológico através de uma dinâmica fusão entre padrões geneticamente determinados de comportamento e a natureza dos ambientes nos quais eles ocorrem. Esta fusão determina se é o potencial para a competência ou para disfunção que será manifestado. Condições e processos ambientais podem influenciar substancialmente o grau de herança, assim, ela será maior quando os processos proximais forem mais efetivos, e, menor, quando estes forem mais frágeis.

O impacto das manifestações de competência ou disfunção no desenvolvimento das pessoas em relação a ambientes favoráveis ou desfavoráveis pode ser exemplificado através do presente estudo. A condição de risco presente no cotidiano das famílias estudadas, determinada pela situação de pobreza e de violência no seu local de moradia, demonstra o potencial destas condições para interferir no desenvolvimento de seus membros. A falta de segurança física no ambiente, a presença de tráfico, roubos, assaltos e assassinatos, aliada à escassez de recursos financeiros das famílias e ao seu baixo nível de instrução limita suas oportunidades de desenvolvimento, afetando a qualidade dos processos proximais estabelecidos entre seus membros. Neste sentido, a disponibilidade dos pais para serem responsivos às necessidades emocionais de seus filhos pode ser perturbada pelo seu nível de *stress* decorrente das dificuldades existentes no ambiente. Do mesmo modo, o baixo nível de instrução dos pais interfere na sua capacidade

processos proximais e, ao mesmo tempo, na interação conjunta destes elementos com o contexto e tempo (Bronfenbrenner, 1999). No modelo bioecológico, o desenvolvimento é visto como uma interação entre estabilidade e mudança nas características da pessoa durante o seu ciclo de vida.

Bronfenbrenner e Morris (1990) propõem que as características pessoais atuam como um filtro para os processos proximais devido à sua capacidade para selecionar e interpretar os processos proximais: características de demanda. O primeiro grupo de processos proximais são as disposições comportamentais, que, no modelo bioecológico, as características pessoais e os processos proximais o desenvolvimento constituem condições para o desenvolvimento, que tanto podem colocar em movimento e sustentar sua mudança, quanto, ativamente, colocando obstáculos para que tais processos ocorram. Estas disposições são, respectivamente, como características generativas e características inibidoras (Bronfenbrenner, 1999).

As características generativas são aquelas que, como curiosidade, tendência para explorar o ambiente, individuais ou com terceiros, reatividade, auto-eficácia. Bronfenbrenner (1999) propõe três formas dinâmicas de desenvolvimento: a primeira, e mais precocemente manifestada, é a dinâmica de adaptação, que está relacionada com os aspectos do ambiente físico e social. A segunda, relacionada com a tendência para a mudança, é a dinâmica de transformação, que progressivamente mais com o tempo, reestrutura e, até mesmo, cria o ambiente; e, a terceira está relacionada com a criança para conceitualizar suas experiências, mais velha, ou seja, elaborar conceitos sobre a mesma e sobre o ambiente. As características inibidoras, por outro lado, representam a dificuldade de controle sobre suas emoções e comportamentos, incluem características como inibição emocional, baixa

durante o curso de vida, ampliam os domínios nos quais os processos proximais podem operar construtivamente.

Finalmente, o terceiro grupo refere-se às características de demanda. Estas constituem atributos pessoais capazes de requerer ou impedir reações do ambiente social, inibindo ou favorecendo a operação dos processos proximais no crescimento psicológico (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Estas características incluem aspectos como aparência física atrativa *versus* não atrativa e hiperatividade *versus* passividade.

As características demográficas como idade, gênero e etnia também influenciam os processos proximais e seus efeitos no desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 1998). De acordo com eles, a combinação de todas estas características em cada pessoa produzirá diferenças na direção e força dos processos proximais e seus efeitos no desenvolvimento.

O terceiro componente do modelo bioecológico, o contexto, é analisado através da interação de quatro níveis ambientais, denominados como microssistema, mesossistema, exossistema e macrosistema. De acordo com Bronfenbrenner (1979/1996), estes sistemas estão organizados como um encaixe de estruturas concêntricas, cada uma contendo a outra, compondo o que ele denomina de meio-ambiente ecológico.

O microssistema é definido como um padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pela pessoa em desenvolvimento nos ambientes que ela frequenta e estabelece relações face a face (Bronfenbrenner, 1979/1996). O termo experienciado é enfatizado para indicar a maneira como a pessoa percebe e confere um significado à influência do ambiente, que vai além de suas características objetivas. É no contexto dos microssistemas que operam os processos proximais, produzindo e sustentando o desenvolvimento, mas a sua eficácia em implementar o desenvolvimento depende da estrutura e do conteúdo dos mesmos (Bronfenbrenner & Morris, 1998). As interações dentro do microssistema ocorrem com os aspectos físicos, sociais e simbólicos do ambiente e são permeadas pelas

O exossistema envolve os ambientes freqüente como um participante desempenham uma influência indireta no desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1979/1996). Os exossistemas são identificados por Bronfenbrenner como muito importantes para o desenvolvimento devido à sua influência nos processos familiares dos pais, a rede de apoio social e a comunidade em que a família está inserida.

O macrosistema é composto pelo conjunto de ideologias, crenças, valores, religiões, forças culturais e subculturas presentes no cotidiano que influenciam seu desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1979/1996). Assim, a cultura na qual os pais vivem, os valores e as crenças transmitidos por eles, a origem, bem como a sociedade atual, todos estes fatores interferem na maneira como eles educam seus filhos.

Finalmente, o quarto componente do modelo bioecológico - o tempo, permite examinar o desenvolvimento humano de mudanças que ocorrem ao longo do ciclo de vida (Bronfenbrenner, 1986). O tempo é analisado em três níveis bioecológico: microtempo, mesotempo e macrotempo (Bronfenbrenner & Morris, 1998). O microtempo refere-se à continuidade e à descontinuidade observada nos episódios de processo proximal. O mesotempo condiciona a efetividade dos processos proximais de uma interação recíproca, progressivamente se desenvolvendo em uma base de tempo relativamente regular para este funcionar efetivamente em ambientes imprevisíveis. Em um nível mais elevado, o macrotempo refere-se à periodicidade dos episódios de processo proximal através de intervalos de tempo maiores, como anos, pois os efeitos cumulativos destes processos produzem resultados significativos no desenvolvimento humano. focaliza as expectativas e eventos em múltiplos níveis da sociedade ampliada, tanto dentro como fora da família e a maneira como estes eventos afetam e são afetados pelo desenvolvimento humano.

sobre o desenvolvimento-no-contexto, pois permite incluir vários níveis de análise, possibilitando examinar a influência do ambiente para o desenvolvimento das pessoas. Neste sentido, Bronfenbrenner e Evans (2000) lançam um desafio científico para ser realizado no século XXI: desenvolver delineamentos de pesquisa apropriados para investigar os efeitos do caos atualmente vivenciado pelas sociedades e identificar fatores que possam minimizar os seus efeitos. De acordo com os autores, esta metáfora refere-se ao aumento significativo dos fatores de risco presentes nas famílias e na sociedade como um todo, como a violência e a pobreza, que interferem no desenvolvimento e adaptação das pessoas. Segundo o modelo bioecológico, o caos se faz presente nos vários sistemas ambientais. Sistemas caóticos são caracterizados por atividade frenética, falta de estrutura, imprevisibilidade nas atividades diárias e níveis exacerbados de estimulação ambiental. Estes aspectos podem interferir no desenvolvimento e manutenção dos processos proximais que levam à competência, como também podem produzir processos que geram disfunção. Por exemplo, famílias que vivenciam eventos de vida estressantes, como desemprego dos pais, doença crônica ou divórcio, podem apresentar disfunção nos processos proximais entre pais e filhos, gerando baixa responsividade parental às necessidades infantis (Bronfenbrenner & Evans, 2000). A parentagem não-responsiva, em decorrência, está relacionada com angústia psicológica e outros resultados negativos em crianças. Deste modo, Bronfenbrenner e Evans acreditam que o caminho para a evolução da ciência do desenvolvimento neste novo milênio consiste em recriar a pesquisa em desenvolvimento social, adequando teorias e métodos à evolução da sociedade, desenvolvendo estratégias para lidar com os efeitos atuais das adversidades presentes na vida das pessoas. Assim, novos métodos de pesquisa precisam ser criados e formas mais rigorosas de investigação propostas para identificar e avaliar aspectos evolutivos relacionados ao contexto, tempo, processo e características das pessoas envolvidas nos fenômenos psicológicos a serem estudados.

rigoroso, proporcionando a c permitindo a emergência de resu originais do pesquisador, contri da ciência (Bronfenbrenner, 197

Uma abordagem ecológica ao humano requer uma reorientaç relação adequada entre a ci (Bronfenbrenner, 1979/1996). que a política social, sempre q no conhecimento científico. A lin leva a uma tese contrária: para desenvolvimento humano, a ci se na política pública, ainda m deve basear-se na ciência básica. da política social são essenciais evolutiva, pois alertam o investi do ambiente que são críticos cognitivo, emocional e social modelo teórico-metodológico d um nível de macrossistem generalizados de ideologia característicos de uma determi conforme a proposta da a desenvolvimento (Bronfenbren

Ao analisar algumas pes Desenvolvimento, Bronfenbr que, de uma maneira geral, os elas não atribuem a atenção ambiente sobre os processos ev afirma que o desenvolvimento da pessoa com o ambiente, o trabalho empírico não confer adequada, negligenciando a modo, o que se encontra é uma teoria e a prática, com estudos da pessoa e, somente, uma breve onde ela é encontrada (Bronfenb esta crítica tenha ocorrido na d

que os eventos fora do ambiente imediato influenciam o comportamento e desenvolvimento da pessoa dentro daquele ambiente. Por outro lado, outros estudos, na área da antropologia, por exemplo, são excessivamente subjetivos, produzindo interpretações de influências causais altamente inferenciais. Desta forma, Bronfenbrenner ressalta que a metodologia de pesquisa em psicologia corre o risco de ficar presa entre “um rochedo e um lugar macio” (p. 16). O rochedo é o rigor, e o lugar macio, a relevância (Bronfenbrenner, 1979/1996). A ênfase no rigor conduziu experimentos bem planejados, mas geralmente de alcance limitado. Esta limitação deriva-se do fato de que muitos experimentos envolvem situações pouco familiares, artificiais e temporárias, e requerem comportamentos incomuns, difíceis de generalizar para outros ambientes. A impossibilidade de generalização dos resultados, a partir de estudos como estes, leva Bronfenbrenner a afirmar que “grande parte da psicologia do desenvolvimento, conforme existe atualmente, é a ciência do comportamento desconhecido da criança em situações desconhecidas com adultos desconhecidos pelos períodos de tempo mais breves possíveis” (p. 16).

Por algum tempo, estudiosos mantiveram posições divergentes com relação a esta questão, colocando métodos experimentais e naturalistas em oposição, atendo-se a procurar razões científicas para defender a superioridade de um método sobre o outro (Bronfenbrenner, 1979/1996). Bronfenbrenner sustenta uma posição diferenciada, indo além da discussão destas divergências, ressaltando que o que carece nos procedimentos metodológicos é uma orientação ecológica. A incompatibilidade entre estas duas correntes metodológicas é rejeitada por ele, pois argumenta que o método experimental não só é inestimável para a verificação de hipóteses, como é igualmente aplicável à sua descoberta, sendo um instrumento poderoso para a pesquisa sobre o desenvolvimento-no-contexto. Da mesma forma, o autor afirma que métodos naturalistas, como a descrição etnográfica, estudos de caso e observação naturalística são igualmente inestimáveis ao progresso científico.

para a pesquisa ecológica é a necessidade de um maior número possível de contrastes (características de ambientes diversificados) relacionadas com o fenômeno investigado. No clássico experimento de laboratório, há apenas uma única variável e se tenta controlar todas as outras. A importância deste aspecto reside na falta de generalização, para além da situação ecológica, evitando, também, possíveis erros de interpretação (Bronfenbrenner, 1979/1996).

A noção de validade ecológica apresentada por Bronfenbrenner (1979/1996) não atribui valor absoluto à pesquisa, uma conotação válida de acordo com o autor, dependendo do problema. O laboratório pode ser um ambiente totalitário para uma investigação, e certos ambientes ecológicos podem ser altamente inadequados, ou vice-versa. O que isto é atribuir ao experimento ecológico, através de uma análise das condições dos ambientes que influenciam na direção do desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1979/1996).

Baseados nas limitações teóricas e metodológicas mencionadas acima para estudar o desenvolvimento-no-contexto e com o objetivo de superar tais deficiências, Bronfenbrenner e seus colaboradores (Bronfenbrenner, 1979/1996; Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Morris, 1998; Bronfenbrenner, 2000; Bronfenbrenner & Morris, 1998) propuseram a operacionalização do modelo bioecológico como uma proposta metodológica. No entanto, até o presente, os autores não descreveram uma metodologia específica para estudar o desenvolvimento, mas apenas em artigos e capítulos de livros, alguns aspectos considerados na pesquisa evolutiva.

Inicialmente, é necessária uma adequação do método a ser utilizado. De acordo com Bronfenbrenner e Morris (1998), uma teoria, para ser boa, deve ser testável. Os autores afirmam que, em ciência, uma teoria é considerada boa quando é capaz de explicar e prever fenômenos.

fatos, e não simplesmente verificá-los. Deste modo, a função de um delineamento de pesquisa não deve ser a de testar hipóteses para significância estatística, mas, antes, desenvolver hipóteses de poder e precisão suficientemente explanatórias para serem submetidas ao teste empírico. As características apropriadas para um delineamento de pesquisa na área do desenvolvimento neste caráter de descobrimento ainda não estão claramente definidas, pois, comparada com as ciências físicas e naturais, a ciência do desenvolvimento ainda está em sua fase inicial. Contudo, afirmam que o delineamento deve incluir formulações teóricas progressivamente mais diferenciadas e análises de dados correspondentes, com os resultados determinando o próximo passo dentro do mesmo. Assim, o delineamento deve gerar novas hipóteses, e não simplesmente confirmá-las ou refutá-las. Neste processo gerador, a importância das implicações derivadas do modelo teórico está em prover uma estrutura para expor os achados de pesquisa emergentes, de maneira a revelar, precisamente, o tipo de interdependência existente nos resultados. O interesse científico não deve se centrar sobre os aspectos já identificados pela teoria, mas sobre aqueles que produzem novas formulações teóricas. De acordo com os autores, a estratégia para investigações evolutivas, em caráter de descobrimento, envolve um processo interativo de confrontações sucessivas entre a teoria e os dados com o objetivo de formular hipóteses suscetíveis à avaliação científica no modo de verificação. Os autores reconhecem que não é fácil fazer pesquisa desta maneira, contudo, o modelo bioecológico representa, através de sua estrutura teórico-metodológica, um esforço para suprir esta necessidade científica.

No modelo bioecológico, um delineamento de pesquisa deve estar adequado à estrutura teórica subjacente e privilegiar o desenvolvimento de hipóteses para serem submetidas ao teste empírico (Bronfenbrenner & Morris, 1998). A teoria ecológica requer que um delineamento de pesquisa inclua os seus quatro componentes – o processo, a pessoa, o contexto e o tempo – demonstrando a interação dinâmica. Deve-se considerar a interação de

formato de hipóteses. Tal fato pode gerar discrepâncias entre as expectativas observadas e as esperadas, o que pode servir como uma base para o próximo passo na elaboração de hipóteses, que mereçam ser testadas tanto no plano teórico quanto empírico (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Embora estas considerações sejam importantes para o modelo de investigação experimental, é importante lembrar que estudos não-experimentais também podem ser planejados baseados no modelo bioecológico. Estudos exploratórios e descritivos, bem como estudos de delineamentos qualitativos que envolvam observações naturalísticas e entrevistas podem ser considerados como bioecológicos de pesquisa. Neste modelo, o processo de desenvolvimento é central, cujos resultados dependem de todos os demais componentes. Neste sentido, um aspecto importante contido no modelo bioecológico proximal envolve uma “transferência de energia” do ser humano em desenvolvimento para o ambiente, através dos símbolos existentes no ambiente (Bronfenbrenner & Evans, 2000, p. 118). Esta transferência pode ser tanto unidirecional quanto bidirecional, dependendo de aspectos do desenvolvimento para a pessoa em desenvolvimento e dos aspectos do ambiente para a pessoa em desenvolvimento. As direções, de forma separada, podem ser consideradas de acordo com Bronfenbrenner e Evans (2000). A pesquisa deve, necessariamente, considerar a transferência de energia entre o indivíduo e o ambiente imediato.

A partir desta definição de transferência de energia, inferências. Em qualquer delineamento de pesquisa, a interação do pesquisador com o sistema em estudo. Na pesquisa qualitativa, principalmente, a interação do investigador com o sistema é uma transferência de energia, produzindo mudanças proximais em ambos. Por não ser possível ocorrer em uma base estável atômica, a transferência de energia é um processo dinâmico e contínuo.

Bronfenbrenner & Evans, 2000; Bronfenbrenner & Morris, 1998) com relação à pesquisa evolutiva, este artigo pretende propor uma metodologia para o estudo do desenvolvimento-no-contexto: a Inserção Ecológica. A metodologia de inserção ecológica foi utilizada em uma pesquisa qualitativa sobre resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco (Cecconello, 2003), condição determinada a partir da situação de pobreza das famílias e da violência existente na comunidade na qual elas vivem. Esta pesquisa teve como objetivo geral analisar os processos de resiliência e vulnerabilidade através de um estudo de casos múltiplos (Yin, 1994) com três famílias: uma nuclear, uma reconstituída e uma uniparental. Para isto, a equipe de pesquisa se propôs a uma inserção no ambiente ecológico no qual vivem as famílias, com o objetivo de conhecer a sua realidade, investigando fatores de risco e proteção em nível intra e extrafamiliar, como práticas educativas, parentalidade, experiência dos pais em suas famílias de origem e apoio social. A inserção ecológica envolveu o acompanhamento destas famílias ao longo de quatro anos, e incluiu visitas frequentes, observações, conversas informais e entrevistas. A partir desta inserção da equipe de pesquisa no contexto ecológico das famílias, foi possível estabelecer hipóteses com relação aos processos de resiliência e vulnerabilidade, respondendo, assim, às questões de pesquisa do estudo.

A inserção ecológica envolveu a sistematização dos quatro aspectos da teoria ecológica pela equipe de pesquisa: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo. O processo proximal, ocorrido através da interação de pesquisadores, participantes, objetos e símbolos presentes no ambiente imediato, se constituiu na base de toda a investigação. Além da interação dos investigadores com as famílias e a comunidade, o processo também envolveu a triangulação de informações, percepções e sentimentos dentro da equipe, na qual as experiências individuais e os aspectos observados no ambiente foram compartilhados e discutidos de acordo com o significado atribuído aos mesmos por cada integrante, possibilitando uma análise dos processos proximais dentro

foram realizadas visitas às casas dos participantes para a execução das entrevistas com a sua autoria, pois eles pareciam estar sempre disponíveis para colaborar nesta tarefa.

3) As atividades devem ser progressivas e não muito complexas, por isso a necessidade de um planejamento de tempo – nesta pesquisa, as visitas informais para as entrevistas, que progrediram por etapas, foram a serem abordados e sempre tiveram duração média superior a uma hora.

4) Para que os processos proximais se desenvolvam, é necessário haver reciprocidade nas relações interacionais. Para esta pesquisa, a interação da equipe de pesquisadores com os participantes serviu de base para todo o processo. As entrevistas ocorreram na forma de conversas abertas, e a equipe esteve sempre disponível para responder às perguntas dos participantes e fornecer apoio, quando necessário.

5) Finalmente, para que a interação recrie e desenvolva objetos e símbolos presentes no ambiente ecológico, é necessário estimular a atenção, exploração, manipulação e uso dos objetos da pessoa em desenvolvimento – nesta pesquisa, os participantes abordados nas entrevistas despertavam interesse pelos participantes, pois estavam relacionados com a sua vida.

Ao longo de toda a investigação, dados foram coletados sobre os processos proximais aconteceram, tanto para os pesquisadores quanto para os participantes. A partir desta pesquisa, que, ao falarem sobre suas experiências, os participantes tiveram a possibilidade de refletir e aprender com os dados para a equipe de investigadores, que, ao analisar os dados das famílias e a comunidade onde vivem, os dados foram unidades de sentido importantes para responder às questões de pesquisa e desenvolver novas hipóteses sobre os processos proximais, contudo, só se torna possível a decorrência da inserção ecológica da equipe de pesquisadores no ambiente onde vivem as famílias, ou seja, no contexto ecológico significativa e estável. A equipe precisou estar inserida no ambiente para adquirir a condição de inserção ecológica no contexto da pesquisa.

ele poderia existir na realidade objetiva. Os quatro níveis ambientais foram incluídos na análise: o micro, o meso, o exo e o macrosistema. O micro e o mesossistema foram capturados e analisados através da vivência da equipe dentro das famílias, das escolas, das vilas, do bairro no qual está inserida a comunidade e dos relatos das famílias sobre estes e outros ambientes freqüentados por elas, como centros de saúde, áreas de lazer e casas de familiares. O exossistema foi analisado através dos relatos das famílias sobre a sua percepção dos ambientes não freqüentados por elas, mas que desempenham uma influência sobre suas vidas, como a Prefeitura. O macrosistema foi analisado através da percepção da equipe sobre os modos de vida das famílias, seus valores, crenças, da influência dos aspectos sócio-econômicos-culturais e do relato delas (famílias) sobre estes aspectos.

O tempo envolveu o acompanhamento longitudinal das famílias dentro da comunidade, o que permitiu analisar mudanças e continuidades ocorridas nos níveis do micro, meso e macrotempo. O microtempo permitiu analisar continuidade e descontinuidade dentro dos episódios de processo proximal através da interação pai/mãe/criança, conforme relatado pelas famílias. O mesotempo permitiu analisar a periodicidade dos episódios de processo proximal através de intervalos de tempo maiores, como dias e semanas, que foram inferidos a partir do relato das famílias de suas rotinas. O macrotempo permitiu focalizar as expectativas e eventos em mudança dentro da sociedade ampliada, como trocas de prefeito e governador, as mudanças ocorridas no ambiente físico, como a reforma da comunidade, e a história intergeracional das famílias, permeada por seus relatos.

A partir da inserção ecológica da equipe de pesquisa nesta comunidade foi possível conduzir o estudo de casos múltiplos com as três famílias, descrever o ambiente onde elas vivem e captar unidades de sentido nos seus relatos para ilustrar os aspectos de risco e proteção existentes no local. Desta forma, foi possível analisar a influência destes

do discurso do entrevistado. Esta perspectiva tem como objetivo a familiarização, um certo nível de observação, a fim de que se possa a ser investigado, tal como ele é natural. Neste sentido, a experiência das famílias e a comunidade no qual estão inseridas possibilitou o conhecimento dos fenômenos investigados. A validade ecológica do estudo foi dada pelo risco em seu ambiente natural e pela influência das características do contexto no qual estão inseridas e dos processos que elas e, entre elas e a equipe de

De um modo especial, as famílias constituíram a base desta investigação, a compreensão dos fenômenos como o próprio desenvolvimento da intervenção proporcionada pelo acompanhamento das famílias ao longo do tempo como um tipo de intervenção. Como para os pais e a criança entrevistada, no qual eles eram escutados e, durante a entrevista, eles podiam relatar suas experiências e sentimentos. Szymansky (2006) afirma que, enquanto interação social, é sempre uma influência mútua e é sempre pela interpretação que se faz entre o entrevistador e o entrevistado, o tempo para reflexão e troca de ideias é capaz de fornecer informações sobre os problemas apresentados. Szymansky afirma que o caráter de intervenção da entrevista é o processo de tomada de consciência e a atuação do entrevistador, no qual a compreensão do discurso do

com responsabilidade ética dos investigadores, uma vez que passam a integrar o cotidiano das pessoas envolvidas no processo de execução da pesquisa. A linha entre a inserção ecológica e o pertencimento daninho pode ser muito tênue se a equipe de pesquisa não tiver clareza de seu papel no processo vigente. Esta atitude permitirá que os demais participantes da pesquisa possam, também, ter definidas as fronteiras da intervenção e das possibilidades disponíveis. A inserção ecológica pode ser utilizada isoladamente, com objetivo de obter dados sobre crianças, adolescentes e famílias em qualquer nível sócio-econômico ou condição de vida. Os dados obtidos podem, além de sua utilização para pesquisa, servir para embasar aconselhamento terapêutico, psicopedagógico, educacional ou clínico. Não devem, no entanto, ser utilizados como instrumento único para tomada de decisão sobre a vida das pessoas envolvidas, como por exemplo, quando se faz necessária uma avaliação diagnóstica mais especializada. A utilização mais indicada, portanto, é como metodologia de pesquisa. Psicólogos e outros profissionais que a escolham para seu trabalho devem assumir um compromisso ético, garantindo a proteção aos direitos dos seus participantes.

Referências

- Bastos, A. C. S. (2001). *Modos de partilhar: A criança e o cotidiano da família*. Taubaté, SP: Cabral.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-742.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados* (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979)
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. Em B. L. Friedmann & T. D. Wachs (Orgs.), *Conceptualization and assessment of environment across the life span* (pp. 3-30). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U. & Ceci, S. J. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. *Psychological Review*, 101, 568-586.
- Bronfenbrenner, U. & Evans, G. (2000). Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9, 115-125.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. Cecconello, A. M. (2003). *Resiliência e vulnerabilidade em famílias com crianças maltratadas*. Tese de Doutorado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- De Antoni, C. (2000). *Vulnerabilidade e resiliência em famílias com crianças maltratadas*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- De Antoni, C. (2002). *Coesão e hierarquia em famílias com crianças maltratadas*. Projeto de Doutorado não-publicado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- De Antoni, C., Medeiros, F. B., Hoppe, M. M. W. & Koller, S. H. (2003). Família em situação de risco: Resiliência e vulnerabilidade. In: *Resiliência e vulnerabilidade em famílias com crianças maltratadas*. Falceto, O. G. (1997). *Famílias com desenvolvimento funcional: As escalas diagnósticas FACES III, Beavers-Timberlake e o funcionamento interacional (GARF)*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Medicina: Clínica Médica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Hoppe, M. M. W. (1998). *Rede de apoio social e afetivo em famílias com crianças maltratadas*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Mayer, L. R. (1998). *Controle percebido e desempenho acadêmico em famílias com renda econômica baixa*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Simionato-Tozo, S. M. P. & Biasoli-Alves, Z. M. M. (1998). *Relações familiares em duas gerações. Paidéia, fev/ ago*. São Paulo, SP.
- Szymansky, H. (1992). *Trabalhando com famílias*. Cader de Trabalho, 1, 1-10. PUC/SP.
- Szymansky, H. (2001). Entrevista reflexiva: Um olhar psicológico sobre a família em pesquisa. *Revista Psicologia da Educação*, 11/12, 1-10.
- Wagner, A., Ferreira, V. S. & Rodrigues, M. I. M. (1998). Uma perspectiva entre pais e filhos. *Psicologia Argumento*, 12, 1-10.
- Wagner, A., Halpern, S. C. & Bornholdt, E. A. (1999). *Condições de vida e saúde familiar: Um estudo comparativo entre famílias oprimidas e não oprimidas*. *Psico*, 30, 63-74.
- Wagner, A., Ribeiro, L. S., Arteche, A. X. & Bornholdt, E. A. (2000). *Condições de vida e saúde familiar e bem-estar psicológico de adolescentes. Paidéia*, 10, 12, 147-156.
- Yin, R. K. (1994). *Case study research: Design and methods*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Yunes, M. A. M. (2001). *A questão triplamente controversa: Crianças maltratadas e famílias com baixa renda*. Tese de Doutorado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP.